

Para lá da Manipulação dos Espíritos.  
Crenças e Práticas de Cura entre os *Handa* no Sul de Angola

## Nota sobre os Autores

**Rosa Maria Amélia João Melo**, Área de Sociedade e Culturas Tropicais / DCH/ IICT (Lisboa) e Bolseira da Fundação Ciência e Tecnologia (FCT), em Portugal.

**Carlos Conceição** Estudos de Fitossanidade do Armazenamento /DCN/ IICT (Lisboa), Portugal.

Para lá da Manipulação dos Espíritos.  
Crenças e Práticas de Cura  
entre os *Handa* no Sul de Angola

Rosa Melo  
(Coordenação)

© Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África 2008

Avenue Cheikh Anta Diop angle Canal IV  
BP 3304, Dakar, CP 18524  
Senegal

Tel. +221 33 825 98 22/33 825 98 23

+221 33 864 01 36-8

Fax +221 33 824 12 89

Email: codesria@codesria.sn

Web site: www.codesria.org

ISBN: 978-2-86978-244-0

O Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África (CODESRIA) é uma organização independente, cujos objectivos principais são: a facilitação da pesquisa, a promoção de publicações baseadas em pesquisas e a criação de fóruns múltiplos em torno de troca de ideias e informação entre investigadores africanos. Ele luta contra a fragmentação da pesquisa através da criação de uma rede de pesquisa temática que transcenda as fronteiras regionais e linguísticas.

O CODESRIA tem uma publicação trimestral, a *África Desenvolvimento*, a mais antiga revista africana especializada em ciências sociais; a *Afrika Zamani*, uma revista especializada em História; a *Revista Africana de Sociologia*; a *Revista Africana de Assuntos Internacionais* (AJIA); a *Identidade, Cultura e Política: Um Diálogo Afro-Asiático*; a *Revista do Ensino Superior em África*; e a *Revista Africana de Livros*. Os resultados de pesquisa e outras actividades da instituição são disseminados através de "working papers", "Série de Monografias", "Série de Livros do CODESRIA" e através do *Boletim do CODESRIA*.

O CODESRIA gostaria de agradecer a Agência Sueca para o Desenvolvimento e Cooperação Internacional (SIDA/SAREC), ao Centro Internacional para o Desenvolvimento da Pesquisa (IDRC), a Fundação Ford, a Fundação Mac Arthur, a Corporação Carnegie, ao Ministério Norueguês dos Negócios Estrangeiros, ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), ao Ministério Holandês dos Negócios Estrangeiros, a Fundação Rockefeller, FINIDA, NORAD, CIDA, IIEP/ADEA, OCDE, OXFAM America, ao UNICEF e ao Governo Senegalês, pelo apoio concedido na realização do seu programa de pesquisa, formação e publicação.

# Índice

Prefácio .....	vii
I. Crenças, Poder e Práticas Medicinais Entre os <i>Handa</i> Rosa Melo .....	1
Introdução .....	1
Sobre os <i>Handa</i> .....	21
Sobreviver no limite das coisas .....	54
Notas de referência .....	59
Bibliografia .....	71
II “O Que Mata Não é a Comida Mas o Que é Suposto Nela Veicular”. Crenças e Nutrição no Sul de Angola. Rosa Melo e Carlos Conceição .....	75
Introdução .....	75
Fitogeografia .....	76
Recortes da Vida Social no Namibe e na Huila .....	80
Nutrição e Saúde .....	83
Notas de referência .....	91

Para lá da Manipulação dos Espíritos. Crenças e Práticas de Cura

---

Bibliografia .....	92
III. Notas Finais	
Rosa Melo .....	95
Anexos .....	97
Glossário .....	99

# Prefácio

---

## Descolonizar a Antropologia

Paira há anos sobre a disciplina o fantasma das suas conexões coloniais. Andaram os antropólogos ao serviço do colonialismo, integrando postos administrativos, vigiando e controlando as populações? Ou, de forma menos directa, deram-lhe a conhecer os povos e, sob a descomprometida descrição de costumes, crenças e tradições, sob a aparentemente objectiva identificação de tribos e grupos, foram preparando as categorias de governação? Ou, pior ainda, será incontornavelmente colonial o próprio modo de conhecer da antropologia, assente numa alteridade que mais não é senão a profunda assimetria entre o autor e o objecto, confundindo-se autoria com autoridade e não restando ao objecto mais que deixar-se representar, com ou sem consentimento?

Estas questões originaram amplos debates na antropologia desde meados dos anos 1980. A Portugal chegou a versão esbatida, talvez descontextualizada, mas nem por isso menos acutilante da crise da representação e limites da autoridade narrativa. Alguns experimentaram a inacção e paralisia daí decorrentes, autoflagelando-se por culpas herdadas de outras gerações. Felizmente para a disciplina, não foram muitos os que pararam, e a vitalidade que a mesma experimenta neste momento revela uma outra vertente constitutiva -Para lá da Manipulação dos Espíritos. Crenças e Práticas de CuraMelo: Crenças, Poder e Práticas Medicinaiis Entre os *Handa*Para lá da Manipulação dos Espíritos. Crenças e Práticas de CuraMelo: Crenças, Poder e Práticas Medicinaiis Entre os *Handa* emancipatória, quiçá subversiva, levando até ao fim o lado libertador do trabalho científico, questionando, abordando, interrogando, revendo, auscultando, subvertendo, refazendo, transformando. A prática mostra que a crise da representação não nos mutilou nem silenciou; antes aumentou a capacidade crítica e a consciência reflexiva sobre o que fazemos.

Isto não implica, porém, que as assombrações coloniais nos tenham deixado de vez. Se, politicamente, o colonialismo deu lugar a estados-nação e, economicamente, deu lugar à assistência internacional e à indústria do desenvolvimento, já o seu lastro cultural e cognitivo persiste de forma duradoura, surpreendendo-nos na linguagem, nas referências, nos quadros de representação. Assim apontam os teóricos do pós-colonial e da subalternidade. Mas não é por aí que vamos hoje; se elaboramos esses assuntos, é para contextualizar a homenagem e apresentação de um livro que, na minha interpretação, é também o testemunho de uma antropologia que se descoloniza.

É com toda a honra que vos apresento o texto da colega antropóloga Rosa Melo *Para lá da manipulação dos espíritos*. Resultado de trabalho de campo entre os *Handa*, este não é mais um olhar reificado sobre “usos e costumes dos fulanos de tal”. Discretamente, por entre uma narrativa que não teima em distinguir-se do passado retórico da disciplina – e sim, refere Evans-Pritchard, refere Carlos Estermann, não foge dos clássicos, coloniais ou não, que ajudaram a fazer cristalizar uma paisagem de alteridades descontinuas e exotizadas – a autora vai-nos dando os elementos do contexto e as chaves da mudança. Fá-lo sem lhes dar destaque, mas está tudo lá. Estamos em Angola, e vivemos a guerra, e a guerra transformou as fronteiras da cidade e do campo, mudou os registos de vizinhança e as solidariedades imediatas, visíveis, distantes, invisíveis; mudou o papel e lugar dos mediadores entre visível e invisível. Estamos em Angola, e vivemos a administração colonial portuguesa, que deu nomes aos grupos a partir de outros nomes, e recortou identidades que deram entretanto origem a outras identidades; não há instâncias pristinas, a-históricas; há dinâmicas, e nessas dinâmicas decorre a vida entre os *Handa*, os trânsitos que afectam a demanda de assistência espiritual; nessas dinâmicas se re-configuram, também, as interacções entre investigadores e investigados. Já não está garantido, como na lógica da governação colonial e das dualidades raciais que suportava e a suportavam, o que é ser de fora ou de dentro. Nada está garantido na dualidade investigadores-investigados; a rigidez das assimetrias contidas na proverbial alteridade deu lugar a novas combinações e contrastes, que se escondem na aparente partilha de uma objectificada nacionalidade angolana. Todos são iguais, mas todos são diferentes. Investigar entre *ongangas*, *oncimbandas* e *omunyaneki* pode equivaler aos sobressaltos e tremores candidamente contados como parte da experiência de campo, de onde vai saindo, de uma vez por todas, a fictícia autoridade narrativa do etnógrafo...



## Prefácio

---

Saúdo o texto de Rosa Melo por estas e muitas mais razões; agradeço que (ao contrário do que me vejo fazer nestas mesmas linhas) nos tenha poupado ao jargão académico e nos tenha apresentado etnografia massiva. Saúdo igualmente o texto de Rosa Melo e Carlos Conceição, que estende o conhecimento dos *Handa* ao seu mundo material, e o conhecimento das terapêuticas ao mundo vegetal em que se apoiam, mostrando-nos os múltiplos elos de transformação entre os registos natural e cultural.

À leitura, portanto...

Cristiana Bastos  
(ICS - Lisboa)

